

Alice no País dos Sem Terra¹

Ananda Ribeiro²

André Azevedo Fonseca³

Universidade Estadual de Londrina (UEL), Londrina, PR

Resumo

“Alice no País dos Sem Terra” é um conjunto de imagens produzidas pela estudante Ananda Ribeiro para retratar atividades diárias de um acampamento do Movimento Sem Terra, localizado em Tamarana-PR. As fotografias foram feitas como uma extensão prática da disciplina de Fotojornalismo do curso de Comunicação Social – Jornalismo, da Universidade Estadual de Londrina (UEL). O trabalho fotográfico visou um olhar humanizado sobre a realidade, sem entrar em debates partidários ou ideológicos. Foi observada a necessidade de reflexão mais humanizada sobre as vivências das crianças e das famílias do acampamento.

Palavras-Chave: Sem Terra; fotojornalismo; política;

Introdução

O Movimento dos Sem-Terra (MST) foi fundado no município de Cascavel-PR, no ano de 1984, por centenas de trabalhadores rurais. O intuito era ser um movimento social camponês e rural que lutasse pela terra, pela reforma agrária e por transformações sociais relacionadas à distribuição de renda no Brasil.

No início, seus integrantes eram posseiros, atingidos por barragens, migrantes, meeiros, parceiros, pequenos agricultores, entre outros. Trabalhadores rurais sem posses, sem poder de produção, em luta contra os latifúndios concentrados nas mãos de poucos.

Nos dias atuais, muitos ideais revolucionários costumam ser desacreditados por grande parte da população. Nesse contexto, o MST ainda se mostra um movimento emblemático, que confere esperança a indivíduos para classes menos favorecidas que, em meio à inadequação a vida nos centros urbanos, enxergam os Sem Terra como uma chance de retorno a vida campestre.

Devido à relevância e às polêmicas que envolvem o movimento, um grupo de quatro alunos do curso de Comunicação Social – Jornalismo, da Universidade Estadual de Londrina, sendo eles a autora das imagens aqui apresentadas e outros três alunos – Bruno

¹ Trabalho submetido ao XX Prêmio Expocom 2013 – categoria JO 12 Produção em Fotojornalismo (avulso / conjunto e série), realizado de 30 de maio a 1º de junho de 2013.

² Aluno líder do grupo e estudante do 7º semestre do Curso de Comunicação Social – Jornalismo/Noturno, da UEL – Universidade Estadual de Londrina. Email: anandamribeiro@gmail.com.

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social. E-mail: andre.azevedo@uel.com.

Leonel, Lucas Marcondes e Yuri Martinez – decidiram registrar empiricamente a realidade cotidiana do acampamento Elí Vive, localizado em Tamarana-PR, durante um fim de semana.

Cerca de 506 famílias moram no Elí Vive. O nome do acampamento é uma homenagem a um ex-membro, Elí Dallemole, assassinado aos 42 anos, em março de 2008, no assentamento Libertação Camponesa, localizado no município de Ortigueira-PR. Elí era dirigente do MST desde 1989 e estava atuando como fonte importante no desmonte de milícias armadas da região.

Os integrantes do grupo já receberam um lote para assentamento, mas ainda vivem em barracos no centro comunitário.

A imagem transmitida pela mídia sobre o MST geralmente retrata conflitos, protestos e ocupações a que chamam “invasão”. Não se sabe muito sobre a vida das crianças e o dia a dia das famílias Sem Terra.

Durante a experiência que o grupo de alunos da UEL vivenciou nos dois dias em que esteve no acampamento, foi possível observar que as crianças também buscam formas de se envolver no movimento. “Nós somos Sem-terrinha, Sem-terrinha de verdade. Lutamos pela terra e uma nova sociedade”, é um dos hinos cantados por elas. Chamadas “Sem-terrinha”, as crianças são alegres e engajadas.

Os “Sem-terrinha” acordam cedo. Enquanto suas mães esquentam água para lavarem o rosto, eles se aprontam para estudar. Frequentam as escolas públicas de Tamarana-PR. Por volta das sete horas da manhã um ônibus passa na guarita do acampamento do MST para levá-los. O trajeto até as escolas se estende por cerca de uma hora.

À tarde, quando retornam ao Elí Vive, as crianças almoçam, fazem o serviço de casa e as tarefas escolares. Depois, quase sempre assistem a filmes no salão do acampamento, comem pipoca e brincam. Às cinco da tarde todas já tomaram banho e, enquanto esperam pelo jantar, gostam de assistir novelas. Jantam e assistem mais TV. O salão fecha às nove da noite e, enquanto acontece a reunião dos adultos, os “Sem-terrinha” brincam, até a hora de dormir.

Entre as brincadeiras prediletas está o tradicional “esconde-esconde”. Carol, uma das meninas do acampamento, conta que eles brincam em um campo aberto, onde o mato está pelo joelho. Também gostam de ir a uma floresta perto dali - acompanhados por adultos - para brincar com alguns macacos que encontram por lá.

Os “Sem-Terrinha” também fazem crochê e bordados, jogam futebol e brincam de “burquinha”, também chamadas de bolinhas de gude.

Quase todo o acampamento é desprovido de energia elétrica, por isso precisam esquentar água para tomar banho. A água que possuem é pouca. Existem algumas torneiras e caixas d’água onde cada família busca sua parte em baldes. Esquentam água em seus fogões à lenha ou a gás e o banho é de “canequinha”.

A iluminação nos barracos também é restrita. Alguns moradores se utilizam de velas, outros improvisam: a lamparina que seu Rafael exhibe orgulhoso para a câmera, foi feita com feijão, óleo de cozinha usado e um pedaço de pano. Ele e sua esposa, Iracema, mantiveram uma casa em Londrina e um barraco no acampamento do MST, em busca de uma terra para cultivar. Passam parte da semana em sua casa na cidade e outra parte no barraco do Elí Vive.

Na cozinha a comida é simples, mas saborosa. Verduras e legumes vêm de uma pequena horta que cultivam e a carne de frango, de galinhas que criam. Para comprar outras coisas, existem algumas vendinhas, umas dentro do acampamento, outras nas redondezas.

Objetivo

O objetivo deste trabalho foi registrar o cotidiano dos Sem-Terra através das crianças, não em prol de criticar ou defender o movimento, mas relatar experiências corriqueiras, do dia-a-dia desses trabalhadores, buscando fugir do estereótipo criado pela mídia em relação ao grupo.

Justificativa

O presente trabalho se justifica pela necessidade de produzir reportagens, sejam elas fotográficas ou textuais, sem vínculos político-partidários, mas voltados às carências e necessidades humanas. É claro que não existem imagens isentas, principalmente quando retratam questões sociais que, inevitavelmente, se relacionam com política e poder. Além disso, a bagagem emocional, cultural e científica do fotógrafo, de uma forma ou de outra, intervém no fotograma.

A imagem fotográfica deve ser utilizada como fonte histórica. Deve-se, entretanto, ter em mente que o assunto registrado mostra apenas um fragmento da realidade.

E sendo as fotos resultado de uma seleção, reside aí já uma primeira manipulação. Apesar da aparente neutralidade do olho da câmara e de todo o verismo, a fotografia será sempre uma interpretação. (KOSSOY, 2001, pg. 107)

Entretanto, o fotojornalista e a mídia em geral precisam estar atentos aos vários “lados da história”, e retratá-los em proporções equivalentes.

Não se vê nos veículos tradicionais de comunicação um retrato dos hábitos, das reuniões internas ou da educação dentro do Movimento Sem Terra, por exemplo, que dispõe de métodos eficientes e qualitativos, que poderiam trazer contribuições efetivas para a educação no Brasil. Esse outro lado precisa ser midiaticizado, para que a imagem do MST não fique estigmatizada no imaginário daqueles que têm acesso somente a informações sobre lutas e conflitos, muitas vezes manipuladas.

Um exemplo é o relato de Perseu Abramo, em seu livro *Padrões de Manipulação da Grande Imprensa*, sobre uma matéria produzida pela Revista *Caros Amigos* a partir de denúncias de abuso de autoridade, uso de força e violência brutal contra um acampamento do Movimento Sem Terra. A reportagem ganhou o Prêmio Vladimir Herzog, mas o atentado não foi noticiado pela grande mídia, “exceto por pequenas notas, aqui e ali”.

O MST foi escolhido para a produção deste fotodocumentário, entretanto, este trabalho visa fazer uma reflexão sobre o jornalismo contemporâneo em geral, que tem, cada vez mais, se distanciando dos personagens e se prendido em oficialismos e nos grandes poderes.

Métodos e técnicas utilizados

Para a produção das fotografias no acampamento Elí Vive, optou-se por um método empírico, em que os alunos passaram dois dias convivendo com as famílias integrantes do movimento, desfrutando das mesmas condições de alimentação, higienização, moradia, participando de festas e reuniões, entre outros.

Essa experiência se deu pelo conhecimento de que o fotojornalismo precisa transmitir algo mais do que a fotografia convencional e, para isso, foi necessária a pesquisa. Ele visa informar através da imagem. As fotografias jornalísticas, muitas vezes se fazem complemento de um texto escrito ou são complementadas por ele.

“Para informar, o fotojornalismo recorre à conciliação de fotografias e textos. Quando se fala de fotojornalismo não se fala exclusivamente de fotografia. A fotografia é ontogenicamente incapaz de oferecer determinadas informações, daí que tenha de ser complementada com textos que orientem a construção de sentido para a mensagem. Por exemplo, a imagem não consegue mostrar conceitos abstratos, como o de ‘inflação’. Pode-se sugerir o conceito, fotografando, por exemplo, etiquetas e preços” (SOUSA, 2004, p. 12).

No que diz respeito à relevância fotográfica, o impacto de uma imagem no fotojornalismo depende em grande parte dos signos que esta contém, aliados aos referenciais culturais do expectador. Alguns são explícitos, como uma bandeira ou vestimentas, por exemplo, ou implícitos, como um olhar.

“O fotojornalismo é uma atividade singular que usa a fotografia como um veículo de observação, de informação, de análise e de opinião sobre a vida humana e as consequências que ela traz ao planeta. A fotografia jornalística mostra, revela, expõe, denuncia, opina. Dá informação e ajudar a credibilizar a informação textual” (SOUSA, 2004, p. 9).

Através disso, os métodos subjetivos de observação e percepção foram utilizados neste trabalho. Para a produção das imagens, foi preciso observar o local, os hábitos, as pessoas e alguns detalhes que pudessem expressar a realidade delas. Foi preciso perceber quais eram os sentimentos dos acampados, e os momentos que deveriam ser retratados para melhor expressá-los.

A fotografia, e especialmente o fotojornalismo, não depende apenas de técnicas, mas do que muitos chamam de “sorte” ou “o lugar certo, no momento certo”. E a percepção é muito importante nesses momentos. Um exemplo foi o instante de retratação da menina Alice, imagem que dá título a este trabalho.

Alice estava parada, segurando uma cerca de madeira ao seu lado, feita com pequenos troncos. Quando se deparou com a câmera, ficou encantada. Deu um leve sorriso, olhou para cima só com os olhos e depois encarou a lente, mais séria, como querendo saber o que aquele instrumento poderia fazer.

A imagem que resultou desse instante improvável – pois as crianças costumam rir, fazer graças ou se envergonhar diante de câmeras – retratou, no olhar verde e firme de Alice, a esperança sempre jovem dos Sem-Terra, a garra do movimento. Uma menina bonita, suja com a terra que não possui, apoiada em troncos de árvores, simbolizando o cultivo. Alice é uma criança, que vive num país de Sem-Terra. Um país desigual, com uma distribuição de rendas desigual, com uma distribuição de terras desigual. Um país que

necessita de uma reforma agrária. Alice é uma criança, e crianças não costumam ser ouvidas. Assim como os movimentos sociais não costumam ser, efetivamente, ouvidos. Alice é uma jovem, crescendo com essa realidade antiga.

Para a captação das imagens deste fotodocumentário, foi utilizada uma câmera fotográfica digital Nikon D40X. A técnica dos “pontos de ouro” ou “jogo da velha” também foi utilizada, assim como perspectivas e profundidade de campo. As cores e tons foram observadas para a composição estética das imagens, dando prioridade a cores quentes e tonalidades de elementos do campo.

Descrição do produto ou processo

O produto aqui apresentado é um conjunto de fotos jornalísticas-documentais feito de maneira empírica para retratar a rotina dos trabalhadores Sem Terra, com o maior distanciamento possível dos conceitos apresentados pela mídia convencional. É parte de uma gama maior de fotografias produzidas em conjunto com outros alunos, sendo que cada um ficou responsável por um recorte diferente. No caso de “Alice no País dos Sem Terra” buscou-se retratar o cotidiano das crianças e das famílias dos acampados.

Considerações finais

A produção de “Alice no País dos Sem Terra” possibilitou uma vivência única aos alunos que visitaram o Elí Vive. Entende-se como benefícios maiores a quebra de preconceitos relacionados ao movimento, por parte daqueles que só haviam tido contado com a imagem midiática dos Sem Terra, e o conhecimento sobre o cotidiano, as lutas, objetivos e práticas adotadas por eles em sua organização.

A produção também cumpriu seu papel disciplinar de expor a aluna às práticas do fotojornalismo e desenvolver habilidades técnicas, de apuração e sensibilidade do olhar fotográfico e dos recortes da realidade.

Referências bibliográficas

SOUSA, Jorge Pedro. **Fotojornalismo – introdução à História, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. 2ª Edição - São Paulo: Ateliê Editorial, 2001

ABRAMO, Perseu. **Padrões de Manipulação da Grande Imprensa**. 1ª Edição – São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.